

6.03.99 - Economia.

## MULHERES EMPREGADAS NA INDÚSTRIA TÊXTIL FORMAL CEARENSE – 2000/2007/2014

Walas Wedel Martins de Santana<sup>1</sup>, João Gomes da Silva<sup>2</sup>, Priscila de Souza Silva<sup>3</sup>, Silvana Nunes de Queiroz<sup>4</sup>

1. Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Pesquisador do Grupo de Estudos em Territorialidades Econômicas e Desenvolvimento Regional e Urbano – GETEDRU
2. Bacharel em Ciências Econômicas/URCA, Mestrando em Demografia pela UFRN e Pesquisador do Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMEC-CNPq)
3. Bacharela em Ciências Econômicas /URCA e Pesquisadora do Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMEC)
4. Professora Adjunta do Departamento de Economia da URCA e Coordenadora do Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMEC-CNPq)/Orientadora.

### Resumo:

O objetivo desse artigo é analisar a evolução recente da participação feminina e masculina na indústria têxtil formal cearense, nos anos 2000, 2007 e 2014. Para tanto, traça-se o perfil sociodemográfico e socioeconômico das trabalhadoras e dos trabalhadores, procurando verificar se houve avanços ou retrocessos na inserção em tal atividade. A Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e do Emprego, é a principal fonte de informações. Os principais resultados revelam que as vagas são majoritariamente ocupadas pelo sexo feminino (60,48%), com idade entre 30 a 39 anos, com o ensino médio completo até o superior incompleto, sendo que eles possuem ligeiramente melhor qualificação em relação as mulheres. Quanto aos rendimentos, constata-se concentração de indivíduos (homens e mulheres) ganhando de 1 a 2 salários mínimos. Porém, as mulheres estão em pior situação, mesmo quando possuem a mesma escolaridade.

**Palavras-chave:** Mulheres; Indústria Têxtil; Ceará.

### Introdução:

Desde os primórdios civilizatórios sempre houve a preocupação em educar as meninas para serem donas de casa, esposas dedicadas, mães amorosas e mulheres prendadas, que na arte das atividades domésticas, no tear, bordar e coser, “conquistavam” um ofício para a vida (SILVA; ARRAIS NETO, 2013).

Entretanto, quando adentram no mundo do trabalho, inicialmente, devido ao peso épico-social de ser mulher, a elas foram atribuídas ocupações que exigiam primordialmente paciência e delicadeza. Em tal contexto, a

indústria têxtil, símbolo robusto do capitalismo, ‘aproveitou-se’ dessa mão de obra submissa e sedenta por oportunidades, para consolidar-se sobre o toque delicado das mãos femininas (ARAVANIS, 2006; MOURA, 1998).

Nesse cenário, na terra da luz (Ceará), as vocações/aptidões das mulheres rendeiras e dos homens na confecção de jangadas e redes de pescar, juntamente com os subsídios governamentais, atraíram empresários/investimentos que transformaram o lugar da seca em polo têxtil, prelúdio de riqueza para os industriais (BRITO, 2013; SILVA; ARRAIS NETO, 2013).

Esse trabalho justifica-se por ampliar o conhecimento a respeito da inserção feminina no mercado formal de trabalho têxtil, nicho da mulher residente no Ceará, e por verificar se houve avanços ou retrocessos em tal mercado laboral. Posto isto, esse estudo procura responder as seguintes questões: quem são as trabalhadoras e os trabalhadores ocupados na indústria têxtil cearense? O emprego feminino em tal segmento melhorou no decorrer dos anos?

Portanto, o objetivo deste estudo consiste em analisar a evolução recente da participação feminina e masculina na indústria têxtil formal cearense, nos anos 2000, 2007 e 2014. Para tanto, traça-se o perfil sociodemográfico e socioeconômico das trabalhadoras e dos trabalhadores em tal atividade.

### Metodologia:

A principal fonte de informações utilizadas nesse estudo é a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Essa base de dados é um levantamento anual, com cobertura de cerca de 97% do mercado de trabalho formal brasileiro. A mesma visa suprir as

necessidades de controle, de estatísticas e informações aos pesquisadores e entidades governamentais sobre as atividades trabalhistas no país.

O lócus geográfico dessa investigação é o Ceará, estado importante na atividade têxtil brasileira, ao configurar como o terceiro maior produtor em âmbito nacional e o primeiro da região Nordeste (ROCHA et al., 2008; BEZERRA, 2014). Por sua vez, o espaço temporal são os anos 2000, 2007 e 2014, com o intuito de analisar a dinâmica recente do setor têxtil e o perfil dos empregados nessa atividade, a partir da primeira década do século XXI.

### Conceitos

Os conceitos adotados nesse estudo seguem as definições que constam na documentação da RAIS (2015, p. 29-35).

Trabalhadores formais: qualquer empregado contratado que exerça vínculo empregatício e relação de emprego com trabalho remunerado e carteira assinada sob o regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Consiste em trabalho fornecido por empregadores, pessoa física ou jurídica, por prazo determinado, indeterminado ou a título de experiência que confira ao empregado sob qualquer ocupação trabalhista todos os direitos previstos em Lei.

Remunerações mensais: pagas ou não, importa a competência mensal a que o empregado tem o direito de recebê-las, independentemente do momento em que o empregador tenha repassado ao empregado tais valores.

### Variáveis:

Sexo: Masculino e Feminino.

Faixa Etária: Até 17 anos, de 18 A 24 anos, de 25 A 29 anos, de 30 A 39 anos, de 40 A 49 anos, de 50 A 64 anos e 65 anos ou mais.

Nível de Instrução: Sem Instrução até Fundamental Incompleto, Fundamental Completo até Médio Incompleto, Médio Completo até Superior Incompleto, Superior Completo, Mestrado e Doutorado.

Tempo de Emprego: Menos de 1 ano, 1 a menos de 3 anos, 3 a menos de 5 anos e 5 ou mais anos.

Rendimento em Salário Mínimo: Até 1 salário, 1 a 2 salários mínimos, 2 a 3 salários mínimos, 3 a 5 salários mínimos, 5 a 10 salários mínimos, 10 a 20 salários mínimos e mais de 20 salários mínimos.

Rendimento em Salário Mínimo dos Trabalhadores, Escolaridade e Sexo: Analfabeto e Ensino Superior Incompleto até o Superior Completo versus Homem e mulher,

todos ganhando de até 1,00 salário mínimo a mais de 20,00 salários.

### Resultados e Discussão:

Nessa seção será analisado o perfil do trabalhador empregado na industrial formal têxtil cearense, no que se refere ao sexo, faixa etária, nível de instrução, tempo de emprego e rendimento.

Quanto ao sexo, é possível constatar (Tabela 1) que, em 2000, a indústria têxtil formal cearense agrega 48.485 mil trabalhadores, sendo 58,71% mulheres e 41,29% homens. Em 2007, tal contingente aumenta para 58.046 pessoas, sendo que as mulheres permanecem se sobressaindo com 58,81% contra 41,19% de homens. Isso se relaciona com a simplificação do trabalho nos mais variados segmentos da indústria têxtil, principalmente nos setores que apresentam atividades mais desagregadas, como no tear, que demanda mais dos cuidados e habilidades femininas (TOITIO, 2008).

**Tabela 1 - Trabalhadores na indústria formal têxtil cearense, segundo o sexo – 2000/2007/2014**

Sexo	2000		2007		2014	
	Abs.	(%)	Abs.	(%)	Abs.	(%)
Masculino	20.018	41,29	23.909	41,19	27.736	39,52
Feminino	28.467	58,71	34.137	58,81	42.442	60,48
<b>Total</b>	<b>48.485</b>	<b>100,00</b>	<b>58.046</b>	<b>100,00</b>	<b>70.178</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado no Ceará (OMEC-CNPq)

Quanto ao ano de 2014, tem-se que a quantidade de trabalhadores inseridos nas atividades têxteis aumenta para 70.178 mil vagas, com aumento na participação feminina para 60,48% e arrefecimento na masculina para 39,52%. Conforme Toitio (2008), esse fato também está condicionado a maior inserção da mulher no mercado de trabalho, que atende a demanda do capital, que reduz o preço da mão de obra, aproveitando-se das distinções históricas e sociais entre os sexos.

Vale ressaltar que em termos absolutos e relativos, o segmento têxtil cearense é o único setor econômico no qual as mulheres são maioria. Isso porque, na terra da luz, elas são mais “aptas” as habilidades do tear e coser, possuem vocações natas que são passadas de mães para filhas. Além do mais, a mão de obra delas é mais barata. Exatamente por isso, no Ceará, a indústria têxtil representa o ‘gueto rosa’, porque empregar mulheres ao invés de homens é mais vantajoso para o empresário (RODRIGUEZ; MÂSIH; NUNES, 1999; SILVA; ARRAIS NETO, 2013; SILVA FILHO; QUEIROZ, 2010).

No tocante a idade dos ocupados, os resultados revelam que no íterim estudado, a

maioria dos indivíduos de ambos os sexos, concentram-se na faixa etária de 30 a 39 anos (Tabela 2). Isso decore da valorização das “características” primordiais desse grupo etário: compromisso, dedicação e maturidade profissional. Nesse sentido, tais profissionais experientes são mais aptos ao trabalho nas fábricas têxteis.

**Tabela 2 - Trabalhadores na indústria formal têxtil cearense, segundo a faixa etária - 2000/2007/2014 (%)**

Faixa etária	Homem			Mulher		
	2000	2007	2014	2000	2007	2014
Até 17	0,53	0,40	0,44	0,68	0,30	0,33
18 a 24	0,53	27,88	25,55	21,97	18,19	17,73
25 a 29	22,53	23,97	20,51	20,20	19,82	20,06
30 a 39	31,39	28,33	30,39	37,70	33,35	32,99
40 a 49	12,28	14,37	15,60	16,36	21,96	20,02
50 a 64	3,54	4,91	7,22	3,04	6,27	8,74
65 ou mais	0,18	0,14	0,28	0,04	0,11	0,12
Ignorado	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Com relação ao nível de instrução dos trabalhadores ocupados na indústria têxtil cearense, observa-se a concentração de homens na faixa de escolaridade entre o fundamental completo e o superior incompleto, ao longo dos anos analisados. Em 2000, 41,29% tinham o fundamental completo até o médio completo, no ano de 2007, 46,74% tinham o ensino médio completo até o superior incompleto, e em 2014, aumentam para 62,37% (Tabela 3).

**Tabela 3 - Trabalhadores na indústria formal têxtil cearense, segundo o nível de instrução - 2000/2007/2014 (%)**

Nível de instrução	Homem			Mulher		
	2000	2007	2014	2000	2007	2014
Sem I. até F. I.	36,86	15,57	9,75	38,14	18,35	10,55
F. C. até Méd. I.	41,29	36,09	25,03	44,47	42,44	26,46
Méd. C. até S.. I	19,84	46,74	62,37	16,44	37,55	60,21
Superior C.	2,01	1,59	2,79	0,95	1,66	2,75
Mestrado	0,00	0,01	0,04	0,00	0,00	0,02
Doutorado	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,01
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado no Ceará (OMEC-CNPq)

Portanto, as mulheres ocupadas nesse segmento conta com uma parcela expressiva com fundamental completo até médio incompleto em 2000 (44,47%). Embora tenha havido leve decréscimo de empregadas com tal escolaridade (42,44%), no ano de 2007 predomina. Entretanto, em 2014, é possível observar que as mulheres apresentam comportamento semelhante ao contingente dos

homens, ao aumentar significativamente a sua participação com grau de instrução médio completo e superior incompleto, ao atingir 60,21% dos inseridos na indústria têxtil cearense.

Nesse sentido, durante os anos analisados, a população de homens empregados na indústria têxtil do Ceará apresenta melhora no nível de escolaridade quando comparado as mulheres. Tal realidade remete a condição da “mulher ter tido uma socialização parcial para a vida profissional, em detrimento da vida familiar e doméstica, diferente do homem que foi estimulado a fazer cursos e se qualificar profissionalmente para exercer cargos mais nobres [...]” (PEREIRA et al., 2014, p. 12).

Considerando o tempo de permanência no segmento, tanto homens como mulheres passavam menos de um ano na empresa. Sendo assim, é possível notar a elevada rotatividade dos trabalhadores na indústria têxtil cearense, ao longo dos anos (Tabela 4). Essa dinâmica se justifica pelas características da indústria de vestuário, baseada num processo de intensa exploração da mão de obra, com baixos salários e elevada rotatividade de trabalhadores (GAZZONA, 1997).

**Tabela 4 - Trabalhadores na indústria formal têxtil cearense, segundo o tempo de emprego - 2000/2007/2014 (%)**

Tempo de serviço	Homem			Mulher		
	2000	2007	2014	2000	2007	2014
Menos de 1 ano	32,82	36,91	33,69	41,92	35,77	32,52
1 a menos de 3	29,80	27,32	30,20	34,66	28,86	33,01
3 a menos de 5	14,17	11,84	13,54	11,60	14,23	14,73
5 ou mais anos	23,21	23,94	22,58	11,82	21,14	19,74
Ignorado	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado no Ceará (OMEC-CNPq)

No tocante ao rendimento, constata-se na Tabela 5, concentração de homens e mulheres ganhando de 1 a 2 salários mínimos. Em termos percentuais, em 2000, 69,68% das mulheres ganhavam a referida faixa de salário. Em 2007 aumentou para 76,49% e no ano de 2014 atingiu o patamar de 80,34%. Quanto aos homens, 48,53% auferiam o mesmo rendimento no ano 2000, aumenta em 2007 para 72,42%, e em 2014 aponta suave arrefecimento para 68,82%. Isso revela que elas estão em pior situação do que eles. Como esperado, a maior parte das mulheres auferem menores rendimentos do que os homens, essencialmente devido a paradigmas históricos de discriminação que a inferiorizam.

**Tabela 5 - Trabalhadores na indústria formal têxtil cearense, segundo o rendimento em salário mínimo - 2000/2007/2014 (%)**

Rendimento em salário mínimo	Homem			Mulher		
	2000	2007	2014	2000	2007	2014
Até 1 Salário	4,76	8,10	9,51	6,48	8,69	9,41
1 a 2 SM	48,53	72,42	68,82	69,68	76,49	80,34
2 a 3 SM	21,18	9,08	10,86	8,74	8,47	4,52
3 a 5 SM	11,76	5,30	5,08	9,75	3,50	1,93
5 a 10 SM	8,18	2,56	2,76	2,12	0,72	0,88
10 a 20 SM	3,10	0,67	0,57	0,66	0,19	0,14
Mais de 20 SM	1,15	0,24	0,13	0,15	0,03	0,03
Ignorado	1,33	1,64	2,26	2,41	1,90	2,75
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMECE-CNPG)

Portanto, apesar do discurso de igualdade de gênero e/ou de carreiras, com base nos dados expostos, aferimos que ainda existe discriminação e preconceito no mercado de trabalho, mesmo em setores que pagam mal e nicho da mão de obra feminina, como é o caso do setor têxtil.

Na busca de resultados mais robustos, comparamos o rendimento com o sexo e a escolaridade. Como corolário, mesmo com o mesmo nível de instrução, a maioria das mulheres auferem menos do que eles.

Nesse sentido, as desigualdades salariais são fruto de aspectos culturais sexistas, que delegaram a mulher ser do lar e submissa ao homem, discriminação que se perpetua por séculos e ainda hoje determina a divisão sexual do trabalho e todas as relações sociais decorrentes (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Diante dessas análises, constatamos que na indústria têxtil cearense, 'gueto' do emprego feminino é nítido o descompasso nos rendimentos entre os sexos. As diferenças se propagam historicamente pelas distribuições hierárquicas de atividades de caráter masculino e feminino.

### Conclusões:

Diante desses resultados, conclui-se que na indústria têxtil cearense, as vagas ocupadas são precárias, embora o nível educacional tenha melhorado, tanto para homens como mulheres. Ademais, os salários permanecem baixos, sendo nítido o descompasso dos rendimentos entre os sexos.

Assim, as diferenças e desigualdades laborais se propagam e, ao longo do período em estudo, não houve melhora e/ou significativos avanços salariais na inserção feminina no mercado de trabalho formal têxtil cearense. Portanto, diante de tal cenário, as lutas por igualdade e empoderamento da mulher cearense devem permanecer.

### Referências bibliográficas

ARAVANIS, E. 'Ao homem, a madeira e os metais; à mulher, a família e os tecidos': um

estudo das lógicas de gênero que nortearam a organização do trabalho fabril no Rio Grande do Sul nos primeiros anos da República (1889-1920). In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Gênero e Preconceitos: Anais [recurso eletrônico]. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. v. 1. p. 01-05.

BRITO, L. M. C. **As condições de trabalho das mulheres no setor têxtil de Fortaleza: um estudo de caso em uma fábrica têxtil.** Monografia (Serviço Social). Centro Superior do Ceará, Faculdade Cearense. Fortaleza, 2013.

GAZZONA, R. S. Trabalho feminino na indústria do vestuário, **Revista Educação & Sociedade**, vol.18, n.61, p.88-109, dezembro 1997.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007

**Manual de Orientação da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS): ano base 2015.** – Brasília: MTPS, SPPE, DES, CGET, 2015. 49 p.

MOURA, E. B. B. Além da Indústria Têxtil: O trabalho feminino em atividades "masculinas". **Revista Brasileira de História**. v.9, nº 18. pp. 83-98. São Paulo, 1989.

PEREIRA, J. B. C; MIGUEL, J. G; ARAUJO, C. C; ALMEIDA, L. O. S; PALONI, L. M. **A Saliência de Identidade de Homens e Mulheres do Setor Têxtil.** In: Enanpad 2014. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014\\_EnANPAD\\_EOR683.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_EOR683.pdf)>, acesso em: 06/2016.

RODRIGUEZ, C. M. T.; MÂSIH, R. T.; NUNES, F. R. M. **Considerações Logísticas sobre a Indústria Cearense de Confecções Têxteis.** In: XIX Congresso ENEGEP e V International Congress of Industrial Engineering. **Anais...** Rio de Janeiro - RJ, 1999.

SILVA, E. K. R.; ARRAIS NETO, E. Convergências entre a educação da mulher e a vocação Têxtil no Ceará. In: 9º Colóquio de Moda. **Anais...** Fortaleza - CE, 2013.

TOITIO, R. D. **O trabalho feminino frente ao domínio do capital.** In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2008, Londrina. Anais do III Simpósio, 2008.